

Omissões ortográficas na escrita infantil: relação entre posição silábica e escolaridade

Orthographic omissions in children's writing:
relationship between syllabic position and schooling

Omissiones ortográficas en la escritura de niño:
relación entre posiciones silábicas y escolaridad

Laurenço Chacon

Universidade Estadual Paulista (UNESP/Brasil)
lourencochacon@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0001-8000-7672>

Marciel Antonio Alves da Silva

Universidade Estadual Paulista (UNESP/Brasil)
marciel.antonioalves@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-8000-1115>

RESUMO

A investigação teve como objetivos verificar em que medida omissões ortográficas dependeriam (1) das diferentes posições que os grafemas ocupam na estrutura da sílaba; e (2) da relação entre essas posições e a seriação escolar. Os dados foram extraídos de 190 produções escritas de crianças do Ciclo I do Ensino Fundamental de uma escola pública do estado de São Paulo. Foram quantificadas todas as omissões ortográficas nas posições silábicas investigadas (ataque, núcleo e coda) e, depois, comparadas em função dos três anos de que se compõe esse Ciclo. Os resultados mostraram: quanto ao primeiro objetivo, predomínio das omissões em coda silábica; quanto ao segundo objetivo, variação da distribuição das omissões nas diferentes posições da sílaba em função do ano escolar. Características fonético-fonológicas da sílaba, combinadas com práticas pedagógicas que enfatizam o trabalho com a estrutura silábica

* Sobre os autores ver página 54.



consoante-vogal, permitiram explicar as tendências apontadas pelos resultados.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita infantil; Ortografia; Omissões ortográficas, Sílabas.

ABSTRACT

The investigation aimed to verify how orthographic omissions would depend on: (1) the different positions occupied by graphemes in the syllabic structure; and (2) the relation of these positions and school grades. The data was extracted from 190 written productions made by children of the First Cycle of Primary School from a public Brazilian school. All the orthographic omissions in the analyzed syllabic positions (onset, nucleus, and coda) were quantified and, later, they were compared considering the three grades that compose the 1st cycle. The results have shown: concerning the first objective, predominance of omissions in the syllabic coda; concerning the second objective, variation of the distribution of omissions on the different syllabic position depending on the school grade. Syllable phonological and phonetic characteristics, combined to pedagogical practices that emphasize working with the consonant-vowel syllable structure, have enabled the explanation of the tendencies highlighted by the results.

KEYWORDS: Children's writing; Orthography; Orthographic omissions; Syllable.

RESUMEN

Se investigó la dependencia de omisiones ortográficas considerando: 1) las diferentes posiciones de los grafemas en la estructura silábica; 2) la relación entre esas posiciones y el año escolar. Se extrajeron datos de 190 producciones escritas por niños de Primaria-Primer Ciclo de una escuela pública en Brasil. Se cuantificó todas las omisiones ortográficas en las posiciones silábicas investigadas (ataque, núcleo y coda) y se las comparó considerando los tres años del Ciclo. Los resultados mostraron predominio de omisiones en la coda silábica, respecto del primer objetivo, y variación de la distribución de omisiones en diferentes posiciones silábicas según el año escolar, respecto del segundo. Las tendencias señaladas por los resultados pueden explicarse por la combinación entre características fonético-fonológicas de la sílaba y prácticas pedagógicas que enfatizan el trabajo con la estructura silábica consonante-vocal.

PALABRAS-CLAVE: Escritura de niños; Ortografía; Omisiones ortográficas; Sílabas.

1 Introdução e justificativas

No Ciclo de Alfabetização, mesmo quando o sistema alfabético já se mostra estabelecido na escrita das crianças, ainda assim são bastante comuns os chamados erros ortográficos nessa escrita – mais à frente exporemos nossa concepção sobre o que se chama de erros ortográficos. Mas é não só esperada como bastante justificável a presença desses – chamados – erros: é nesse Ciclo que a escrita da criança começa a deixar à mostra a complexidade entre características fonéticas e fonológicas da fala (tanto as de natureza prosódica,

quanto as de natureza segmental) e características (orto)gráficas da escrita (como a atribuição de espaços em branco, a pontuação e, sobretudo, a organização da sílaba).

Essa complexidade não tem passado despercebida a pesquisadores do campo dos estudos linguísticos. Já em 1972, ela foi abordada em uma das primeiras dissertações de mestrado defendidas no país, por Myrian Barbosa da Silva¹. Pouco adiante, na década de 80 do século passado, sobretudo a partir dos trabalhos pioneiros de Maria Bernadete Marques Abaurre e de Luiz Carlos Cagliari², a complexidade envolvida no estabelecimento de vínculos entre aspectos fonético-fonológicos da língua e as convenções ortográficas passou a merecer significativa atenção em investigações desenvolvidas no campo dos estudos linguísticos³.

Sob forma de desdobramentos e, por vezes, reconfiguradas, as contribuições de Abaurre e de Cagliari vêm fornecendo, até o presente, subsídios essenciais para investigações sobre a escrita infantil no país. Essas contribuições podem ser detectadas em vertentes de investigações que se voltam para: (1) relações entre constituintes prosódicos e segmentações não-convencionais de palavras; (2) relações entre constituintes prosódicos e presença/ausência de sinais de pontuação; e (3) relações entre a organização interna da sílaba e a ortografia. Trabalhos como os de Cunha (2004 e 2010), Cunha e Miranda (2007 e 2009), Capristano (2007 e 2010), Chacon (2006, 2021), Tenani (2010), Ferreira (2010), Tenani e Paranhos (2011) ilustram a primeira vertente. Já trabalhos como os de Chacon (1999 e 2004), Soncin e Tenani (2017) e Soncin e Rodrigues (2018) ilustram a segunda vertente. Por fim, trabalhos como os de Miranda et al (2005), Miranda (2008), Chacon (2008), Chacon e Berti (2008), Adamoli e Miranda (2009), Miranda e Matzenauer (2010), Cardoso et al (2010), Berti, Chacon e Santos (2010), Komesu e Tenani (2010), Teixeira et al (2011), Chacon, Berti e Burgmeister

¹ Trata-se da dissertação *O ensino da leitura segundo perspectivas de uma análise ortográfico-fonológica*, que, “[...] com ligeiras correções e uns poucos acréscimos [...]” (SILVA, 1981), foi publicada sob a forma de livro – intitulado *Leitura, ortografia e fonologia*.

² Promovido por Abaurre e por Cagliari, o inovador enfoque das complexas relações entre ortografia infantil e características fonético-fonológicas da língua pode ser conferido especialmente em Abaurre et al. (1985), em Cagliari (1986), em Abaurre (1986, 1988, 1996, 1999, 2001), em Abaurre e Abaurre (1999) e em Cagliari (1992, 1998, 2001, 2002, 2004).

³ Voltada especialmente a professores alfabetizadores, é publicada, em 1986, a primeira versão do livro *Guia teórico do alfabetizador*. Nesse livro, Miriam Lemle se baseia em contribuições de estudos em Fonética e Fonologia para explicar, a alfabetizadores e estudiosos da alfabetização, a complexidade das convenções ortográficas do Português do Brasil. Destaque-se que Miriam Lemle participou da banca de defesa da dissertação de Myrian Barbosa da Silva.

(2011), Amaral et al (2011), Tenani e Reis (2011) e Campos, Tenani e Berti (2011) – cujos resultados relacionam tanto as facilidades quanto as dificuldades na escrita inicial de vogais, de ditongos e de consoantes sobretudo à estrutura silábica – ilustram a terceira vertente.

Uma vez que aspectos fonético-fonológicos da língua explicam, em grande medida, formulações não-convencionais da ortografia na escrita infantil⁴, propomos, no presente artigo, abordar o impacto desses aspectos sobre um fenômeno bastante comum na escrita inicial de crianças: as omissões ortográficas.

Justifica nossa proposta o fato de que, ao tratarem dos variados tipos de formulações não-convencionais da ortografia, ainda com bastante frequência investigações relatadas na literatura⁵ deixam de lado as relações que a ortografia mantém com aspectos fonético-fonológicos da língua. Preferencialmente voltadas para o que categorizam, sob ótica biomédica, como dificuldades de escrita (ou de leitura e escrita), tais investigações pouco⁶ ou quase nada dialogam com contribuições advindas dos estudos linguísticos para uma melhor compreensão do que essas investigações categorizam como dificuldades.

No entanto, pelo menos dois grupos de pesquisa no país têm investigado, sistematicamente, relações entre formulações não-convencionais da ortografia e aspectos fonético-fonológicos da língua. Trata-se do Grupo de Estudos sobre Aquisição da Linguagem Escrita (o GEALE/CNPq), sediado na Universidade Federal de Pelotas, e do Grupo de Pesquisa Estudos sobre a Linguagem (GPEL/CNPq), sediado na UNESP. São grupos que reúnem linguistas, fonoaudiólogos e educadores. Subsídios teórico-metodológicos extraídos de estudos conduzidos por pesquisadores desses dois grupos (em especial, do GPEL) estão na base do presente artigo.

⁴ Conforme já apontado por Miranda (2008), Adamoli e Miranda (2009), Miranda e Matzenauer (2010), Teixeira et al (2011), Abaurre (2011), Miranda (2014).

⁵ Por exemplo: Landerl e Wimmer, 2008; Savage, Pillay e Melidona, 2008; Nunes, Frota e Mousinho, 2009; Paolucci e Ávila, 2009; Ferreira e Correa, 2010; Capellini et al, 2011; Cárnio et al, 2011; Capellini et al, 2012; Rosa, Gomes e Pedroso, 2012; Pontes, Diniz e Martins-Reis, 2013.

⁶ É possível observar – embora pontualmente – contribuição dos estudos linguísticos, por exemplo, para o desenvolvimento de estudos fonoaudiológicos que se voltam para aspectos globais da escrita, em especial em estudos que enfatizam o caráter social da escrita e buscam compreender as relações do aprendiz com a escrita (GUARINELLO et al, 2008; MASSI et al, 2009; SCHNEIDER, SOUZA, DEUSCHLE, 2010) e em estudos nos quais as operações da língua são implicadas na estruturação da linguagem e do sujeito (LIER-DEVITTO; ANDRADE, 2008).

As investigações do GPEL têm se voltado, principalmente, para a relação entre acertos e erros ortográficos. Destaque-se, porém, a concepção do GPEL que sustenta as investigações sobre essa relação:

[...] acertos nem sempre significam ou podem ser vistos como índices de conhecimento – de fato, muitas vezes, sobretudo na escrita inicial de crianças, o que se mostra como acerto pode ser fruto do acaso ou da memória visual de palavras ou de estruturas linguísticas, sem análise, por parte da criança, dos vínculos entre os grafemas e os fonemas que a eles correspondem na escrita dessas palavras ou estruturas. Analogamente, o erro não significa nem pode ser visto como índice de ausência de conhecimento – já que [...] raramente ele foge a algo que, de certo modo, não seja suscitado pela própria língua ou pelas regras que orientam a correspondência grafema/fonema (CHACON et al, 2016, p. 111).

Com base nessa concepção, os trabalhos do GPEL têm se voltado para variados aspectos da ortografia infantil, como sua relação com: (i) características acústico-auditivas da fala (VAZ; CHACON, 2013); (ii) o acento lexical (PASCHOAL et al, 2014; PEZZARINI et al, 2015; VAZ et al, 2015); (iii) as classes consonantais (VAZ; CHACON, 2013; PASCHOAL et al, 2014; PEZZARINI et al, 2015; VAZ et al, 2015, VAZ; CHACON, 2020); e (iv) a estrutura da sílaba (CHACON, 2008; CHACON; BERTI, 2008; AMARANTE et al, 2020).

É nesta última vertente que a investigação que subsidiou os resultados relatados no presente artigo se situa, na medida em que a descrição que faremos, aqui, das omissões ortográficas as situa em relação à organização silábica⁷.

Ressalte-se que Amaral et al (2011) tiveram as omissões ortográficas como tema específico de investigação. No entanto, as investigaram com dados de crianças que frequentavam a Educação Infantil – período que antecede o ingresso das crianças no Ensino Fundamental I. O recorte que faremos é outro, já que nossos dados provêm da escrita de crianças do Ciclo I do Ensino Fundamental (os três primeiros anos), uma vez que nos interessa acompanhar o movimento das omissões em todo esse ciclo.

⁷ Além dos trabalhos de pesquisadores do GPEL, outros trabalhos tiveram como preocupação as relações entre questões ortográficas e estrutura da sílaba, especialmente os de Abaurre (1987, 1988, 1996, 1999) e de Miranda (2008, 2012). Esses trabalhos, porém, não se voltaram especificamente para as relações entre omissões ortográficas e estrutura da sílaba.

Para descrever esse movimento, vamos investigar os contextos em que mais (e menos) ocorrem essas omissões, tendo como embasamento teórico e unidade de análise a sílaba e sua estrutura interna. Na perspectiva com que Selkirk (1982) define essa estrutura, sua organização não é linear – no sentido de que todos os fonemas que a compõem teriam o mesmo peso e o mesmo estatuto nessa organização. Contrariamente a tal linearização, para essa autora, a organização dos elementos da sílaba obedece a uma disposição hierárquica entre eles.

Resumidamente, na proposta de Selkirk (1982), do nó da sílaba partem seus dois constituintes principais, portanto, diretamente relacionados a esse nó: o ataque (ou *onset*) e a rima. A relação entre esses dois constituintes corresponde a um padrão silábico universal, no qual o primeiro é preenchido por um fonema de maior fechamento em sua produção (em geral, uma consoante) e o segundo é preenchido por um fonema de maior abertura em sua produção (em geral, uma vogal). Trata-se, em resumo, da estrutura canônica da sílaba, CV – estrutura que se pode ter como básica em todas as línguas conhecidas do mundo, estrutura simples.

No entanto, os dois constituintes imediatos do nó da sílaba podem sofrer ramificações. Restringindo-nos aos padrões silábicos do Português Brasileiro (doravante, PB), frequentemente, a rima é ramificada e dessa ramificação resultam as posições denominadas como núcleo (posição que se preenche com o fonema de maior abertura da sílaba) e como coda (posição que se preenche com um fonema de menor abertura em relação à do núcleo, ou seja, um fonema consonantal). O ataque, por sua vez, também pode sofrer ramificação, situação em que será preenchido por uma sequência de dois fonemas consonantais (o tradicional encontro consonantal no início de uma mesma sílaba). Também o núcleo e, ainda, a coda (esta última posição, em situações bem específicas no PB) podem sofrer ramificações. Na primeira situação, encontram-se os ditongos⁸ e, na segunda, os raríssimos encontros consonantais no final da sílaba. Por fim, o preenchimento da posição do ataque e, mais frequente ainda, o da coda não é obrigatório no PB. Em outras palavras,

⁸ Há controvérsia, na literatura, sobre o posicionamento da semivogal na estrutura da sílaba. Para Bisol (1999), no que essa autora chama de verdadeiros ditongos – aqueles nos quais a presença da semivogal pode ser responsável pela diferenciação entre palavras da língua, como ocorre, por exemplo, nos pares de palavras “pauta” / “pata” e “caule” / “cale” –, a semivogal se encontraria na posição de coda. Já Mateus e Andrade (2000) consideram que ela faz parte de um núcleo ramificado. Assumiremos a interpretação de Mateus e Andrade (2000), especialmente em razão da natureza vocálica da semivogal e de sua emergência, na fala infantil, bastante anterior àquela de outros fonemas consonantais que figurarão na coda.

a única posição silábica de preenchimento obrigatório é a do núcleo – o pico da sílaba – e sempre por uma vogal.

Uma primeira hipótese se desdobra dessas considerações: como se trata de uma organização hierárquica de constituintes, essa diferença na organização entre eles se mostraria, também, na maior ou menor incidência de omissões ortográficas. Mas, além desta, como, institucionalmente, as crianças se veem às voltas com o princípio alfabético da ortografia, uma segunda hipótese se apresenta: a de que, com o avanço do ciclo de alfabetização, as omissões se modificariam em quantidade e em natureza em relação à posição silábica em que ocorrem.

Esperamos, por meio da presente investigação, chamar a atenção de linguistas, fonoaudiólogos, pedagogos, psicopedagogos e psicólogos que se interessam pela escrita infantil para a importância de melhor compreenderem as bases linguísticas dos aspectos ortográficos não-convencionais da escrita infantil, ampliando seus conhecimentos a respeito do desempenho ortográfico durante a passagem das crianças pelo Ciclo de Alfabetização. Especialmente porque: (1) na literatura sobre ortografia infantil, detectamos escassez de estudos que têm as omissões como objeto específico de investigação; (2) grande parte da literatura não analisa as diferentes naturezas dos erros ortográficos, nem tampouco se preocupa com os aspectos fonético-fonológicos que influenciam seu aparecimento; e (3) no campo clínico e, mesmo, no educacional, erros ortográficos – ainda – são normalmente vistos como indícios de patologias ou de dificuldades de aprendizagem da criança. Esperamos, portanto, contribuir para o aprofundamento da compreensão de como a ortografia do PB se ancora em aspectos linguísticos – especialmente os de natureza fonético-fonológica. Esperamos, ainda, fornecer subsídios para a formação e para a prática (clínica e pedagógica) de profissionais de campos como os da Fonoaudiologia e da Educação, já que profissionais desses campos lidam (dentre outras) com questões ortográficas em suas práticas.

2 Objetivos

O objetivo geral da presente investigação é acompanhar o movimento das omissões ortográficas na escrita produzida ao longo das três primeiras séries do ensino fundamental – as quais compõem o Ciclo de Alfabetização do Ensino Fundamental I. Para atingi-lo, a investigação tem como objetivos específicos:

(1) verificar em que medida as omissões dependeriam das diferentes posições que os grafemas ocupam na estrutura da sílaba;

(2) verificar em que medida as omissões dependeriam da relação entre essas posições e a seriação escolar.

3 Material e métodos

Constituição do corpus

Para a realização deste estudo, foram investigadas mudanças nas características ortográficas da população estudada ao longo de três anos.

Os dados foram extraídos de um banco composto por produções escritas de crianças de ambos os sexos, com idades entre seis e nove anos, matriculadas em turmas do Ciclo I do Ensino Fundamental (1º ao 3º ano) de uma escola pública de um município do interior de São Paulo. A constituição desse banco foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP/SJRP, sob o número de parecer 1.795.053.

Para a constituição do *corpus* da pesquisa, desse banco foram utilizados dados de quatro propostas de produções textuais coletadas ao longo do segundo semestre letivo de 2016. O gênero das produções foi a narração escolar. Em cada uma dessas propostas, foi apresentada às crianças uma história. A seguir, elas foram orientadas a recontarem, por escrito, a história apresentada. Os textos resultantes foram coletados tendo por base as seguintes propostas de produção de narrações:

- a. agosto/2016 – “A verdadeira história dos três porquinhos”, de Jon Scieszka – traduzida por Pedro Maia Soares;
- b. setembro/2016 – “Marcelo, Marmelo, Martelo”, de Ruth Rocha;
- c. outubro/2016 – “Saci Pererê”, de Monteiro Lobato;
- d. novembro/2016 – “A festa no céu”, de Ângela Lago.

Embora o banco de dados contemple amostras de escrita de crianças do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental I, foram selecionadas apenas as produções textuais dos três anos iniciais desse período de escolarização. Esse recorte se deu em razão de esses três primeiros anos corresponderem ao Ciclo de Alfabetização do Ensino Fundamental.

Foram excluídas da amostra produções de crianças que não receberam autorização dos pais ou responsáveis para participarem da pesquisa – autorização que se deu mediante a assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O número total de produções esperadas era de 252 para os três anos coletados (63 crianças autorizadas x 4 propostas de produções textuais). Porém, em razão de faltas das crianças em dias de coleta, bem como da presença de textos em que não foi possível identificar nenhuma palavra reconhecida da língua, como a produção que se segue:

O A O M A M O M M M I N O M R P I
A O M A V O H P M I
W I M A V O A V O A K
O F C

Foram analisadas, no total, 190 produções textuais.

Forma de análise dos resultados


A forma de análise de resultados será descrita de acordo com os objetivos específicos da pesquisa.

Para analisar os resultados referentes ao primeiro objetivo – *verificar em que medida as omissões dependeriam das diferentes posições que os grafemas ocupam na estrutura da sílaba* –, inicialmente foi feito o levantamento de suas omissões, como, por exemplo, a escrita de *ata para a palavra <lata>. Esse levantamento de omissões de grafemas foi realizado em todas as posições silábicas investigadas, em cada palavra identificada, de cada uma das produções, no interior de cada ano escolar.


Em virtude do elevadíssimo número de possibilidades de registro de grafemas em relação às posições silábicas que todo esse levantamento possibilita, no presente estudo, que resulta de uma investigação ainda em curso, não foram abordadas as omissões que ocorreram em **posições complexas**. Assim, foram descartadas omissões que ocorreram em ataque complexo – por exemplo, na palavra Picupada "PRocupada" –, em núcleo ramificado – por exemplo, na palavra bufe "bufEI" – e em coda ramificada – por exemplo, na palavra coNstruir "coNStruir". Dito de outro modo, analisamos apenas as omissões que ocorreram em ataque simples, núcleo simples e coda simples.

Foram, ainda, desconsideradas as omissões de sílabas completas, como nos exemplos abaixo:

(a)



(b)



Como é de nosso interesse apenas as omissões de grafemas nas posições do interior da sílaba, especificadas previamente, e não as omissões de estruturas silábicas completas, como exposto nos exemplos (a) – em que foi omitida a sílaba "do" na palavra "resfriado" – e (b) – em que foi omitida a sílaba "a" na palavra "apertei" –, fizemos exclusões como essas durante a quantificação dos erros.

Encerrado esse levantamento, em cada texto, primeiramente computamos todas as possibilidades de ocorrências de grafemas em cada posição silábica analisada – de acordo com a escrita convencional da palavra. Em seguida, calculamos todas as ocorrências de omissões, também em cada posição silábica analisada. Por fim, levantamos as diferenças percentuais na relação *possibilidades de ocorrências X omissões* nas três posições silábicas. A título de exemplo, segue-se a forma como fizemos essa relação em um dos textos que compõem nossa amostra:

Total de possibilidades de ataque simples = 309 / 100%

Total de possibilidades de núcleo simples = 302 / 100%

Total de possibilidades de coda simples = 91 / 100%

Total de omissões em ataque simples = 11 / 3,55%

Total de omissões em núcleo simples = 07 / 2,31%

Total de omissões em coda simples = 13 / 14,28

Concluído esse levantamento em cada um dos textos, comparamos o total de possibilidades de registros ortográficos de cada posição com o total de omissões de cada posição em todo o material analisado – para podermos confirmar (ou não) nossa primeira hipótese de pesquisa: a de que, como se

trata de uma organização hierárquica de constituintes, essa diferença na organização entre eles se mostraria, também, na maior ou menor incidência de omissões ortográficas.

No entanto, como tivemos como segundo objetivo *verificar em que medida as omissões dependeriam da relação entre as posições silábicas e a seriação escolar*, primeiramente os dados dessa análise transversal foram divididos conforme ocorressem no primeiro, no segundo e no terceiro ano do Ciclo de Alfabetização. Em seguida, fizemos uma análise comparativa da distribuição desses dados em função dos três anos investigados – com vistas a confirmar (ou não) nossa segunda hipótese de pesquisa: a de que, com a progressão do Ciclo, as omissões se modificariam em quantidade e em natureza em relação à posição silábica em que ocorriam.

Análise estatística

Os dados passaram por um tratamento estatístico, baseado no *software Statistica* (versão 7.0). Foram feitas análises descritiva e inferencial. Para a análise descritiva dos dados, foram utilizadas uma medida de tendência central (média) e uma medida de dispersão (desvio padrão).

Para a análise inferencial, foi utilizado o teste ANOVA para medidas repetidas (*Repeated-measures analysis of variance*). A análise de variância permite verificar diferenças entre as médias dos grupos. Utilizamos, como variável dependente, posição silábica; como variável independente (fator), o ano escolar. Dessa forma, o teste permitiu observar se posição silábica e ano escolar influenciariam a relação acertos/erros e as omissões de maneira independente. Permitiu, ainda, verificar se a interação entre posição silábica e ano escolar exercia influência sobre os resultados. Quando a interação se mostrou significativa, foi aplicado um teste *post hoc* para obter informações adicionais e verificar de que maneira as variáveis interagem. Para tanto, foi empregado o teste *LSD*, que permite fazer comparações individuais par a par. Por fim, para cada análise inferencial, o valor do nível de significância adotado foi de $(\alpha) \leq 0,05$.

4 Resultados

Identificamos um total de 1.106 ocorrências de omissões ortográficas, cuja distribuição passaremos a apresentar. Nas três tabelas a seguir, dispõe-se a estatística descritiva e inferencial dos dados:

Tabela 1. Análise descritiva.

Ano escolar	Ataque simples		Núcleo Simples		Coda simples	
	Média	Desvio padrão	Média	Desvio padrão	Média	Desvio padrão
1º ano	0,10	0,09	0,36	0,32	0,53	0,32
2º ano	0,13	0,22	0,17	0,13	0,69	0,23
3º ano	0,11	0,18	0,13	0,11	0,75	0,23

Fonte: dados da pesquisa.

Tabela 2. Análise inferencial

Efeitos	F	P
Ano escolar	1	0,39
Posição silábica	72	0,00*
Ano escolar*Posição silábica	4	0,00*

Fonte: dados da pesquisa. *Anova* para medidas repetidas ($\alpha \leq 0,05$).

Tabela 3. Análise post hoc

Ano escolar	Posição silábica	1AS	1NS	1CS	2AS	2NS	2CS	3AS	3NS	3CS
1	AS	-	0,00*	0,00*	0,00*	0,34	0,00*	0,00*	0,69	0,00*
1	NS	0,00*	-	0,05*	0,00*	0,00*	0,00*	0,00*	0,00*	0,00*
1	CS	0,00*	0,05*	-	0,00*	0,00*	0,00*	0,00*	0,00*	0,00*
2	AS	0,00*	0,00*	0,00*	-	0,65	0,00*	0,00*	0,96	0,00*
2	NS	0,34	0,00*	0,00*	0,65	-	0,00*	0,37	0,00*	0,00*
2	CS	0,00*	0,00*	0,00*	0,00*	0,00*	-	0,00*	0,00*	0,00*
3	AS	0,00*	0,00*	0,00*	0,00*	0,37	0,00*	-	0,81	0,00*
3	NS	0,69	0,00*	0,00*	0,96	0,00*	0,00*	0,81	-	0,00*
3	CS	0,00*	0,00*	0,00*	0,00*	0,00*	0,00*	0,00*	0,00*	-

Fonte: dados da pesquisa. Teste *post hoc* LSD ($\alpha \leq 0,05$). Legenda: 1AS – 1º ano ataque simples; 1NS – 1º ano núcleo simples 1CS – 1º ano coda simples; 2AS – 2º ano ataque simples; 2NS – 2º ano núcleo simples 2CS – 2º ano coda simples; 3AS – 3º ano ataque simples; 3NS – 3º ano núcleo simples 3CS – 3º ano coda simples.

A distribuição numérica exposta na Tabela 1 aponta para um predomínio das omissões na posição de coda, em relação à sua ocorrência nas posições de ataque e de núcleo silábico. Aponta também para as seguintes tendências: aumento das ocorrências na posição de coda ao longo do Ciclo de

Alfabetização; diminuição das ocorrências na posição de núcleo ao longo desse Ciclo; e pouca variação das ocorrências na posição de ataque no mesmo Ciclo. Vejamos em que medida essas tendências relacionam-se aos nossos objetivos e se mostram como estatisticamente significativas.

Em relação ao primeiro objetivo da pesquisa – *verificar em que medida as omissões dependeriam das diferentes posições que os grafemas ocupam na estrutura da sílaba* –, a análise inferencial exposta na Tabela 2 mostra que a diferença entre as posições é significativa em termos estatísticos, fato que confirma as tendências apontadas pela distribuição exposta na Tabela 1 de predomínio de omissões na posição de coda sobre as omissões nas posições de ataque e de núcleo.

Em relação ao segundo objetivo da pesquisa – *verificar em que medida as omissões dependeriam da relação entre as posições silábicas e a seriação escolar* –, a análise inferencial exposta na Tabela 2 mostrou que é significativa, em termos estatísticos, a interação entre posição silábica e ano escolar.

Com efeito, por um lado, quando analisada a **relação entre as três posições** ao longo do Ciclo de Alfabetização, vemos que:

- ⇒ no primeiro ano, a distribuição das omissões em ataque, núcleo e coda opõe as três posições entre si;
- ⇒ já no segundo ano e no terceiro ano, a distribuição das omissões opõe aquelas que ocorrem na coda àquelas que ocorrem no ataque e no núcleo, as quais não diferem entre si em significância.

Por outro lado, quando analisada, internamente, a **variação de cada uma das três posições** ao longo desse mesmo Ciclo, vemos que:

- ⇒ o aumento de omissões na coda é significativo, já que seu funcionamento no primeiro ano difere daquele do segundo ano e do terceiro ano;
- ⇒ a diminuição de omissões no núcleo é significativa, já que seu funcionamento no primeiro ano difere daquele do segundo ano e do terceiro ano;
- ⇒ a diminuição de omissões no ataque é significativa, já que seu funcionamento no primeiro ano difere daquele do segundo ano e do terceiro ano.

Identificadas essas tendências, vejamos, a seguir, como elas poderiam ser explicadas.

5 Discussão

Em relação ao **primeiro objetivo** da pesquisa, vimos que a posição silábica favorece, em maior ou em menor grau, a incidência de omissões – com predomínio das omissões na posição de coda ao longo de todo o Ciclo de Alfabetização.

Esse predomínio pode ser explicado por características fonéticas e fonológicas da sílaba. Com efeito, de um ponto de vista fonético, a posição de coda corresponde ao momento em que ocorre o decréscimo da força muscular da produção da sílaba (CAGLIARI, 2009), a redução de sua energia acústica (JAKOBSON, 1978) e, conseqüentemente, o desfavorecimento de sua percepção auditiva. Já de um ponto de vista fonológico, a coda corresponde a uma posição complexa da estrutura da sílaba (a da ramificação da rima); portanto, uma posição estruturalmente mais afastada de seu nó raiz. Assim, dado que a escrita inicial se mostra (também) ancorada em características fonético-fonológicas de enunciados falados, características físicas e simbólicas da estrutura da sílaba orientam fortemente a distribuição das omissões ortográficas na ortografia infantil. Nossos resultados confirmam, pois, resultados a que chegaram Amaral et al (2011) e Cruz (2015), que, como nós, analisaram especificamente omissões ortográficas. Confirmam, também, Vaz (2019) e Amarante et al (2020), estudos nos quais, embora não tenham sido o objeto de investigação específica, as omissões foram tematizadas. Pode-se, portanto, supor que “[...] as vacilações das crianças [se relacionam] à necessidade de identificar e representar segmentos em posições de sílabas com estrutura mais complexa (ABAURRE, 2001, p. 81).

Em relação ao **segundo objetivo** da pesquisa, duas tendências principais se mostraram como significativas na relação entre posição silábica e ano escolar.

Quanto à primeira tendência, vimos que, no primeiro ano, a distribuição das omissões em ataque, núcleo e coda opôs as três posições entre si. Já nos dois anos seguintes, a distribuição das omissões opôs aquelas que se mostraram na coda àquelas que se mostraram no ataque e no núcleo, as quais não diferiram entre si em significância.

A relação entre posição silábica e ano escolar no primeiro ano indica que características fonético-fonológicas da organização da sílaba influenciam fortemente a distribuição das omissões. Quanto à coda silábica, essas características foram descritas pouco acima e a descrição que fizemos delas permite explicar a diferença de significação entre omissões ortográficas nessa

posição quando comparada às omissões nas duas outras posições investigadas. Essas duas posições, por sua vez, apresentam diferenças entre si. Em termos fonéticos, ocorre uma diferença entre as posições de ataque e de núcleo, uma vez que, na posição de ataque, a força muscular envolvida na produção da sílaba encontra-se em intensificação e, na posição de núcleo, em seu momento máximo de força. A essa diferença de força corresponde uma diferença também na distribuição da energia acústica da sílaba, já que, no ataque, a energia está em momento crescente e, no núcleo, em seu pico. Essas diferenças fazem com que, em termos auditivos, a percepção de fonemas posicionados no núcleo silábico seja muito mais favorecida do que a percepção de fonemas posicionados no ataque. Em termos fonológicos, deve-se destacar que, embora ataque e núcleo sejam posições derivadas diretamente do nó silábico, elas se diferenciam pelo fato de que o núcleo é a posição central (e sempre obrigatória) da estrutura da sílaba e o ataque uma posição marginal (e não obrigatória nas diferentes organizações estruturais da sílaba). Diferenciam-se, ainda, na medida em que não se verificam restrições fonotáticas entre essas duas posições (SELKIRK, 1982) nas diferentes línguas do mundo já estudadas – diferentemente do que ocorre entre o núcleo e a coda, no interior da rima. Com efeito,

[...] restrições de co-ocorrência entre pico [núcleo] e coda são sempre mais prováveis de existir (e, de fato, são bastante comuns) do que restrições entre ou o pico ou a coda e o ataque. A explicação que se oferece é a de que os dois primeiros formam um constituinte⁹ (SELKIRK, 1982, p. 339).

No entanto, como já apontamos, nos dois anos escolares seguintes (2º e 3º anos), muda-se a relação entre posição silábica e ano escolar quanto às omissões ortográficas: nesses dois anos, essa relação opõe, de um lado, as omissões na coda e, de outro, as omissões, ao mesmo tempo, no ataque e no núcleo silábico. É certo que características fonético-fonológicas da organização da sílaba justificariam essa divisão em dois grupos, já que tais características, na coda, se diferenciam daquelas que se verificam nas outras duas posições silábicas. No entanto, por si mesmas, tais características não explicariam a ausência de diferença estatística entre omissões nessas duas

⁹ “[...] co-occurrence restrictions between peak and coda are always more likely to exist (and indeed are quite common) than are restrictions between either peak or coda and the onset. The explanation offered is that the former two comprise a constituent.” (SELKIRK, 1982, p. 339).

posições, já que, como vimos, ataque e núcleo apresentam características fonéticas e fonológicas bem distintas. Uma possível explicação para esse funcionamento distinto entre o primeiro e os demais anos escolares quanto às omissões nas diferentes posições silábicas é a de que a diferença que os resultados mostram é efeito do próprio processo de alfabetização, que geralmente enfatiza, no ensino da ortografia, o trabalho com famílias silábicas¹⁰. Com efeito,

Embora esse trabalho não seja previsto pelos documentos que regem os anos escolares de alfabetização, segue bastante enraizado em práticas tradicionais de alfabetização [...]. Como efeito desse tipo de trabalho, é enfatizado para a criança o padrão universal da sílaba – CV. Em outras palavras, esse tipo de trabalho favorece a tentativa de preenchimento da posição de ataque simples [e de núcleo simples] por parte das crianças, mas acaba por deixar em segundo plano (ou para etapas posteriores) a sensibilidade da criança para padrões silábicos mais complexos – fato que pode desfavorecer a acurácia ortográfica [das] posições [complexas] nas séries mais iniciais (VAZ, 2019, p. 86-87).

Em outras palavras, a ausência de diferença estatística entre omissões no ataque e omissões no núcleo se justificaria pelo trabalho pedagógico com famílias silábicas do tipo *ba-be-bi-bo-bu*, trabalho que coloca em posição de destaque (ou, mesmo, de igualdade) essas duas posições, mesmo que sejam bem distintas, como vimos, suas características fonéticas e fonológicas.

Com relação à segunda tendência, vimos, ainda, quanto à relação entre posição silábica e ano escolar, que a diminuição de omissões no ataque e no núcleo da sílaba foi significativa, já que seu funcionamento no primeiro ano diferiu daquele do segundo ano e do terceiro ano. No entanto, com as omissões na posição de coda deu-se o inverso: ocorreu um aumento delas nessa posição, e esse aumento foi significativo, já que seu funcionamento no primeiro ano diferiu daquele do segundo ano e, também, do terceiro ano.

Mais uma vez, a diminuição das omissões nas posições silábicas de ataque e de núcleo ao longo dos três anos muito provavelmente se deva ao trabalho pedagógico com famílias silábicas nas práticas de alfabetização, o qual, como acabamos de destacar, enfatiza o preenchimento de grafemas nessas duas posições, em detrimento de seu preenchimento na posição de

¹⁰ É o que ocorreu com o processo de alfabetização das crianças cujas omissões ortográficas se constituíram em objeto da investigação relatada no presente artigo, conforme informações fornecidas pela coordenadora pedagógica da escola em que as crianças estudavam.

coda. Pode, ainda, dever-se ao próprio efeito do tempo de escolarização. No entanto, a ênfase nas famílias silábicas mostra-se como mais significativa nos resultados do que o efeito do tempo de escolarização, já que ele não promoveu a diminuição das omissões na posição de coda, diferentemente do que seria previsível como efeito da escolarização.

Os aspectos explicativos que apresentamos a propósito das tendências que se mostraram como dominantes na distribuição das omissões ortográficas em função da relação entre posições silábicas e anos escolares levam-nos a algumas conclusões e considerações adicionais.

6 Conclusões e considerações finais

As tendências que detectamos em nossos resultados e os aspectos que destacamos para explicá-las levam-nos a duas conclusões.

A primeira é a de que, nas produções escritas investigadas, aspectos fonético-fonológicos da organização da sílaba explicam, em grande medida, a distribuição das omissões ortográficas no Ciclo de Alfabetização do Ensino Fundamental I. Confirma-se, pois, a primeira hipótese de nossa investigação: a de que, como é hierarquizada a organização dos constituintes da sílaba, essa diferença de organização se mostraria, também, na maior ou na menor incidência de omissões ortográficas.

A segunda conclusão é a de que os aspectos fonético-fonológicos da organização da sílaba não são, em si mesmos, suficientes para explicar a relação entre posições silábicas e anos escolares. Com efeito, como vimos, a explicação dessa relação dependeu, também, de como foram desenvolvidas as práticas de alfabetização que levaram às produções escritas estudadas, predominantemente sustentadas em famílias silábicas. Confirmou-se a segunda hipótese de nossa investigação, a de que, com o avanço do ciclo de alfabetização, as omissões se modificariam em quantidade e em natureza em relação à posição silábica em que ocorrem. Mudaram-se, sim, em quantidade e em natureza, no sentido de que as omissões em ataque e em núcleo silábico diminuíram ao longo do Ciclo de Alfabetização, mas aquelas que ocorreram na coda silábica aumentaram no mesmo período.

Essas conclusões permitem duas considerações adicionais.

A primeira delas diz respeito às *relações entre aspectos fonológicos e ortográficos da língua* na ortografia infantil. Na literatura não linguística, é bastante comum o estabelecimento de relações diretas entre tais aspectos:

Os achados deste estudo demonstram que a linguagem oral está intrinsecamente relacionada ao desenvolvimento da leitura e escrita. [...] Evidenciamos na população estudada que as dificuldades fonológicas presentes na oralidade **influenciaram diretamente** as representações mentais em tarefas de fala e de leitura e escrita. [...] A realização deste estudo nos possibilitou verificar que nestes escolares as alterações fonológicas presentes na oralidade **influenciam diretamente** a aquisição da leitura e da escrita, bem como o desempenho escolar das crianças [...] (SALGADO; CAPELLINI, 2004, p. 186 – grifos nossos).

Os resultados de nosso estudo levam, porém, a problematizar explicações que se proponham como diretamente causais, ou de causalidade intrínseca, para relações entre aspectos fonológicos e aspectos ortográficos da escrita infantil. Embora se detectem relações entre esses dois aspectos nas omissões ortográficas, como mostraram nossos resultados, não se trata de relações de espelhamento (no sentido de que a ortografia infantil refletiria diretamente a fonologia da língua) nem de causalidade (no sentido de que a ortografia infantil se ancoraria diretamente em características da fala). Como observa Miranda (2020), fala e escrita apresentam correspondências, já que ambas são formas de atualização da língua, relacionadas entre si; mas não sob a forma de correspondências diretas – fato já observado em outros aspectos da ortografia infantil, como as substituições ortográficas (VAZ, 2019), as transposições ortográficas (AMARANTE et al, 2020) e, mesmo, nas relações entre a fala e a ortografia de crianças como transtornos fonológicos na fala (GUILHERME, 2020).

Uma segunda consideração diz respeito à ação do *tempo de escolarização* no estabelecimento das relações aqui em discussão. A propósito da segmentação não-convencional de palavras, Capristano (2003) observa a diminuição de sua ocorrência ao longo do Ensino Fundamental I; Tenani e Paranhos (2011) e Paranhos (2014) observam fenômeno semelhante durante o Ensino Fundamental II. Também Capellini, Butarelli e Germano (2010) fazem observação semelhante a propósito do desenvolvimento da ortografia.

Tais observações sugerem um desenvolvimento gradual e contínuo das convenções ortográficas durante a escolarização. Embora nossos resultados sugiram um desenvolvimento, ele seria, porém, da forma como nossas tendências o mostraram, descontínuo. Com efeito, como vimos, omissões no ataque e no núcleo da sílaba diminuíram em função do tempo de escolarização – diminuição esperada como efeito do tempo de escolarização. O mesmo, no entanto, não ocorreu quando se tratou das omissões na coda

silábica: sua incidência, ao invés de diminuir, aumentou – aumento não esperado como efeito do tempo de escolarização. Essa diferença de funcionamento nos leva, portanto, a sugerir que o estabelecimento de relações entre aspectos fonético-fonológicos da fala e aspectos ortográficos na escrita infantil se dá em tempos diferentes e depende das diferenças de condições que o tornam possível e sistematizável, mesmo quando esse estabelecimento se mostre em uma única unidade fonológica, como a da sílaba. Diferentes temporalidades convivem, em síntese, no estabelecimento de relações entre a estrutura da sílaba e a ortografia infantil, ao menos no que diz respeito às omissões ortográficas.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. B. M. Introduzindo a questão dos aspectos linguísticos da alfabetização. **Revista da ABRALIN**, v. 7, p. 29-36, 1986.
- ABAURRE, M. B. M. Linguística e psicopedagogia. In: SCOZ, B.J.L. et al. (org.) **Psicopedagogia: o caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987, p. 186-216.
- ABAURRE, M. B. M. O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito?. In: Mary A. Kato. (Org.). **A concepção da escrita pela criança**. 2a ed. v. 1, p. 135-142. Campinas: Pontes Editores, 1988.
- ABAURRE, M. B. M. Os estudos linguísticos e a aquisição da escrita. In: CASTRO, M. F. P. (Org.) **O método e o dado no estudo da linguagem**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 111-78.
- ABAURRE, M. B. M. Horizontes e limites de um programa de investigação em aquisição da escrita In: LAMPRECHT, R. R. (Org.) **Aquisição da Linguagem: questões e análises**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 167-186.
- ABAURRE, M. B. M. Dados da escrita inicial: indícios de construção da hierarquia de constituintes silábicos?. In: HERNANDORENA, C. L. M. (Org.) **Aquisição de língua materna e de língua estrangeira: aspectos fonético-fonológicos**. Pelotas: EDUCAT/ ALAB, v. 1, p. 63-85, 2001.
- ABAURRE, M. B. M. A relação entre escrita espontânea e representações linguísticas subjacentes. **Verba Volant**, Pelotas, v. 2, p. 167-200, 2011.
- ABAURRE, M. B. M.; CAGLIARI, L. C.; MAGALHÃES, M. A. C. C.; LIMA, S. C. Leitura e escrita na vida e na escola. **Leitura: Teoria e Prática**, Porto Alegre, v. 4, n. 6, p. 15-26, 1985.

- ABAURRE, M. B. M.; ABAURRE, M. L. M. A avaliação objetiva de produções escritas. **Ciências e Letras**, Porto Alegre, v. 26, p. 141-159, 1999.
- ADAMOLI, M. A.; MIRANDA, A. R. M. Do conhecimento fonológico ao conhecimento ortográfico: as diferentes grafias dos ditongos orais mediais *ai* e *ei* em textos de escrita inicial. **Cadernos de Pesquisas em Linguística**, Porto Alegre, v. 4, p. 232-255, 2009.
- AMARAL, A. S.; FREITAS, M. C. C.; CHACON, L.; RODRIGUES, L. L. Grapheme omissions and syllable constituents in children writing. **Revista CEFAC**, São Paulo, vol. 13, n. 5, p. 846-855, 2011.
- AMARANTE, M. V.; VAZ, S.; VILLEGA, C. C. S.; CHACON, L. Ortografia dos fonemas /l/ e /r/ em posições complexas na escrita infantil: uma análise comparativa. **CoDAS**, São Paulo, v. 32, p. 1-7, 2020.
- BERTI, L. C.; CHACON, L.; SANTOS, A. P. A escrita de /aN/ por pré-escolares: pistas acústico-auditivas. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 19, p. 195-291, 2010.
- BISOL, L. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, Maria Helena Moura (Org.) **Gramática do português falado**. V. VII. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.
- CAGLIARI, L. C. A ortografia na escola e na vida. **Projeto Ipê Curso II**, São Paulo, p. 97-108, 1986.
- CAGLIARI, L. C. O segredo da alfabetização. **Jornal da Alfabetizadora**, Porto Alegre, v. 4, n. 20, p. 9-11, 1992.
- CAGLIARI, L. C. Sobre a didática da alfabetização. **Jornal do Alfabetizador**, Porto Alegre, v. IX, n. 54, p. 10-11, 1998.
- CAGLIARI, L. C. Conhecimentos técnicos para alfabetizar. **Línguas & Letras**, Cascavel, v. 2, n. 1, p. 73-84, 2001.
- CAGLIARI, L. C. Alfabetização e ortografia. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 20, n. 1, p. 43-58, 2002.
- CAGLIARI, L. C. Linguística e alfabetização. **Espaço (INES)**, Brasília, n. 20, p. 46-52, 2004.
- CAGLIARI, L. C. **Elementos de fonética do português brasileiro**. São Paulo: Paulistana, 2009.
- CAMPOS, P. B. B.; TENANI, L. E.; BERTI, L. C. Os registros não-convencionais da coda nasal em dados de EJA. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 40, p. 524-538, 2011.
- CAPELLINI, S. A.; BUTARELLI, A. P. K. J.; GERMANO, G. D. Dificuldades de aprendizagem da escrita em escolares de 1ª a 4ª séries do

ensino público. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 37, n. 23, p. 146-164, 2010.

CAPELLINI, S. A.; AMARAL, A. C. L.; OLIVEIRA, A. B.; SAMPAIO, M. N.; FUSCO, N.; CERVERA-MÉRIDA, J. F.; YGUAL-FERNÁNDES, A. Desempenho ortográfico de escolares do 2º ao 5º ano do ensino público. **Jornal da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 227-236, 2011.

CAPELLINI, S. A.; ROMERO, A. C. L.; OLIVEIRA, A. B.; SAMPAIO, M. N.; FUSCO, N.; CERVERA-MÉRIDA, J. F.; YGUAL-FERNÁNDES, A. Desempenho ortográfico de escolares do 2º ao 5º ano do ensino particular. **Revista CEFAC**, São Paulo, v.14, n.5, p. 214-227, 2012.

CAPRISTANO, C. C. **Aspectos de segmentação na escrita infantil**. São José do Rio Preto, 2003. 213 fl. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2003.

CAPRISTANO, C. C. Continuidades e discontinuidades em direção à palavra escrita convencional. **Anais do Seta**, Campinas, v. 1, p. 55-65, 2007.

CAPRISTANO, C. C. Por uma concepção heterogênea da escrita que se produz e que se ensina na escola. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 1, p. 171-193, 2010.

CARDOSO, M. H.; RODRIGUES, L. L.; FREITAS, M. C. C. de; CHACON, L. A complexidade da coda silábica na escrita de pré-escolares. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 22, p. 213-221, 2010.

CÁRNIO, M. S. et al. Letramento escolar de estudantes de 1ª e 2ª séries do ensino fundamental de escola pública. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, São Paulo, v. 16, n. 1, p.1-8, 2011.

CHACON, L. Algumas palavras sobre a aquisição da pontuação. In: Regina Ritter Lamprecht. (Org.). **Aquisição da linguagem**: questões e análises. Porto Alegre: Editora da PUCRS, v. 1, p. 187-200, 1999.

CHACON, L. Oralidade e letramento na construção da pontuação. **Revista Letras**, Curitiba, v. 61, n. Especial, p. 97-122, 2004.

CHACON, L. Prosodia y cultura letrada en hipersegmentaciones: reflexiones sobre la adquisición de la noción de palabra. **Lenguas Vivas**, Buenos Aires, v. VI, p. 48-59, 2006.

CHACON, L. Para além de vínculos diretos entre características fonético-segmentais e ortográficas na escrita infantil. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 16, p. 215-230, 2008.

CHACON, L. A relação fala/escrita em dados não-convencionais de escrita infantil. **Cadernos de Linguística**, Maceió, v. 2, p. 01-17, 2021.

CHACON, L.; BERTI, L. C. Ocorrências de coda silábica simples na escrita infantil. In: MATZENAUER, C. L. B.; MIRANDA, A. R. M.; FINGER, I.; AMARAL, L. I. C. (Org.). **Estudos da linguagem** - VII Círculo de Estudos Linguísticos do Sul. Pelotas: EDUCAT, 2008, p. 273-289.

CHACON, L.; BERTI, L. C.; BURGEMEISTER, A. Ortografia da nasalidade em ataque e coda silábica na escrita infantil: características fonéticas e fonológicas. **Verba Volant**, Pelotas, v. 2, p. 1-21, 2011.

CHACON, L.; PASCHOAL, L.; VAZ, S.; PEZARINI, I. O. Classes fonológicas e ortografia infantil. **Revista do GELNE**, Natal, v. 18, n. 2, p. 105-125, 2016.

CRUZ, R. C. F. Levantamento das omissões ortográficas na escrita infantil. **Linguagem e Tecnologia**, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, pp. 153 – 160, 2015. <https://doi.org/10.17851/1983-3652.8.2.153-160>.

CUNHA, A. P. N. A influência dos constituintes prosódicos na aquisição da língua escrita. **Caderno de Letras**, Pelotas, v. 1, n.10, p. 14-23, 2004.

CUNHA, A. P. N. As segmentações não-convencionais da escrita e sua relação com os constituintes prosódicos. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 35, p. 323-358, 2010.

CUNHA, A. P. N.; MIRANDA, A. R. M. A influência da hierarquia prosódica em hipossegmentações da escrita de crianças de séries iniciais. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 5, p. 1-19, 2007.

CUNHA, A. P. N.; MIRANDA, A. R. M. A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição de escrita: a influência da prosódia. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 53, p. 127-148, 2009.

FERREIRA, C. R. G. As hipersegmentações como marcas de um sistema em construção na escrita inicial de crianças e alunos de EJA. In: MERÇALO M.; HERNANDES, M. (ORG.). **Língua Portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas.** , p. 01-14, 2010.

FERREIRA, F.; CORREA, J. Consciência metalinguística e a representação da nasalização na escrita do Português Brasileiro. **Revista CEFAC**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 40-50, 2010.

GUARINELLO, A. C.; MASSI, G. A. A. ; BERBERIAN, A. P. ; RIVABEM, K. A clínica fonoaudiológica e a linguagem escrita: estudo de caso. **Revista CEFAC**, São Paulo, v. 10, p. 38-44, 2008.

GUILHERME, J. **Correlação entre características fonético-fonológicas da fala e características ortográficas da escrita em crianças com**

alterações fonológicas. 2020. 102 fl. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) – Programa de Pós-Graduação em Fonoaudiologia da Universidade Estadual Paulista, Marília, 2020.

JAKOBSON R. Fonema e Fonologia. In: SAUSSURE, F. et al. **Textos selecionados.** Tradução de Joaquim Mattoso Camara Jr. São Paulo: Abril Cultural; 1978; p. 55- 117.

KOMESU, F. C.; TENANI, L. E. A relação fala-escrita em dados produzidos em contexto digital. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 13, p. 203-217, 2010.

LANDERL, K.; WIMMER, H. Development of word reading fluency and spelling in a consistent orthography: an 8-year follow up. **Journal of Educational Psychology**, Washington, v. 100, n. 1, p. 150-161, 2008

LIER-DEVITTO, M. F. A. F.; ANDRADE, L. Considerações sobre a interpretação de escritas sintomáticas de crianças. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 1, p. 54-71, 2008.

MATEUS, M. H. M.; ANDRADE, E. **The phonology of portuguese.** Oxford: Oxford University Press, 2000.

MASSI, G.; SIGNOR, R.; BERBERIAN, A. P.; MUNHOZ, C. M. A.; GUARINELLO, A. C.; KRÜGER, S. Análise de elementos de referência em textos produzidos por sujeitos em processo de apropriação da escrita. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 169-78, 2009.

MIRANDA, A. R. M. A aquisição ortográfica das vogais do português – relações com a fonologia e a morfologia. **Revista Letras**, Santa Maria, n. 36, p. 151-168, 2008.

MIRANDA, A. R. M. Aspectos da escrita espontânea e da sua relação com o conhecimento fonológico. In: LAMPRECHT, R. R. **Aquisição da linguagem: estudos recentes no Brasil.** Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 263-276, 2012.

MIRANDA, A. R. M. Um estudo sobre a natureza dos erros (orto)gráficos produzidos por crianças dos anos iniciais. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 36, p. 1-40, 2020.

MIRANDA, A. R. M.; SILVA, M. R.; MEDINA, S. Z. O sistema ortográfico do português brasileiro e sua aquisição. **Linguagens & Cidadania**, Santa Maria, v. 14, p. 1-15, 2005.

MIRANDA, A. R. M.; MATZENAUER, C. L. B. Aquisição da fala e da escrita: relações com a fonologia. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 35, p. 359-405, 2010.

NUNES, C.; FROTA, S.; MOUSINHO, R. Consciência fonológica e o processo de aprendizagem de leitura e escrita: implicações teóricas para o

embasamento da prática fonoaudiológica. **Revista CEFAC**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 207-212, 2009.

PAOLUCCI, J. F.; ÁVILA, C. R. B. Competência ortográfica e metafonológica: influências e correlações na leitura e escrita de escolares da 4^o série. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 48-55, 2009.

PARANHOS, F. C. Segmentações não-convencionais de palavra nos quatro últimos anos do Ensino Fundamental: um estudo longitudinal. 2014. 170 fl. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2014.

PASCHOAL, L.; PEZARINI, I. O.; VAZ, S.; CHACON, L. Characteristics of fricatives consonants orthography in Brazilian children. **Audiology - Communication Research**, São Paulo, v. 19, p. 333-337, 2014.

PEZARINI, I. O.; VAZ, S.; PASCHOAL, L.; CHACON, L. Relações entre aspectos ortográficos e fonético-fonológicos de fonemas oclusivos. **Revista CEFAC**, São Paulo, v. 17, p. 775-782, 2015.

PONTES, V. L.; DINIZ, N. L. F.; MARTINS-REIS, V. O. Parâmetros e estratégias de leitura e escrita utilizados por crianças de escolas pública e privada. **Revista CEFAC**, São Paulo, v.15, n. 4, p. 827-836, 2013.

ROSA, C. C.; GOMES, E.; PEDROSO, F. S. Aquisição do sistema ortográfico: desempenho na expressão escrita e classificação dos erros ortográficos. **Revista CEFAC**, São Paulo, v. 14, n.1, p. 39-45, 2012.

SALGADO, C.; CAPELLINI, S. A. Desempenho em leitura e escrita de escolares com alterações fonológicas na fala. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 8, n. 2, p. 179-188, 2004

SAVAGE, R.; PILLAY, V.; MELIDONA, S. Rapid serial naming is a unique predictor of spelling in children. **Journal of Learning Disabilities**, Califórnia, v.41, n. 3, p. 235-250, 2008.

SCHNEIDER, A. C. B.; SOUZA, A. P. R; DEUSCHLE, V. P. Intervenção fonoaudiológica com gêneros textuais em um grupo de escolares. **Revista CEFAC**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 337-45, 2010.

SELKIRK, E. O. The syllable. In: HULST, F. V.; SMITH, N. (orgs). **The structure of phonological representations**. Dordrecht Foris, p. 337-383, 1982.

SILVA, M. B. **Leitura, ortografia e fonologia**. São Paulo: Ática, 1981.

- SONCIN, G.; TENANI, L. E. Evidence of the role of prosody in argumentative writing: Comma use in texts written by Brazilian students aged 11-14. **Writing & Pedagogy**, Leiden, v. 9, p. 77-101, 2017.
- SONCIN, G.; RODRIGUES, A. A interação sintaxe-prosódia em usos de vírgula em esquema duplo: apontamentos para o ensino de pontuação. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 12, p. 1571-1606, 2018.
- TEIXEIRA, S. M.; DEVANTIER, N.; GRASSI, L. H.; MIRANDA, A. R. M. Uma reflexão acerca do erro ortográfico: a importância do conhecimento sobre a língua para a prática pedagógica de professores das séries iniciais. **Verba Volant**, Pelotas, v. 2, p. 78-94, 2011.
- TENANI, L. E. A grafia dos erros de segmentação não-convencional de palavras. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 35, p. 247-269, 2010.
- TENANI, L. E.; PARANHOS, F. C. Análise prosódica de segmentações não-convencionais de palavras em textos do sexto ano do EF. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 13, p. 477-504, 2011.
- TENANI, L. E.; REIS, M. C. ? E vereram felizes para sempre?: Análise de grafias não-convencionais de vogais pretônicas. **Verba Volant**, Pelotas, v. 2, p. 22-43, 2011.
- VAZ, S. Aquisição da ortografia de consoantes soantes em crianças do ciclo I do Ensino Fundamental. 2019. 100 fl. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2019.
- VAZ, S.; CHACON, L. Relações entre aquisição da percepção auditiva e aprendizagem da ortografia: consoantes soantes em questão. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 13, p. 695-719, 2013.
- VAZ, S.; PEZARINI, I. O.; PASCHOAL, L.; CHACON, L. Characteristics of the acquisition of sonorant consonants orthography in Brazilian children from a São Paulo municipality. **CoDAS**, São Paulo, v. 27, p. 230-235, 2015.
- VAZ, S.; CHACON, L. Coocorrência de traços fonológicos em substituições ortográficas de fonemas soantes. **CoDAS**, São Paulo, v. 32, p. 1-5, 2020.

Recebido em 22 de junho de 2022.

Aprovado em 5 de agosto de 2022.

Publicado em 30 de dezembro de 2022.

SOBRE OS AUTORES

Lourenço Chacon é livre-docente em Linguística em Fonoaudiologia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). É vinculado ao Departamento de Fonoaudiologia da Faculdade de Filosofia e Ciências desta mesma universidade. Atua como docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e no Programa de Pós-Graduação em Fonoaudiologia, ambos da UNESP. Investiga relações entre ortografia e fonologia na escrita infantil, bem como hesitações na fala infantil. Coordena o Grupo de Pesquisa “Estudos sobre a Linguagem”, credenciado pelo CNPq. É bolsista Produtividade em Pesquisa (CNPq), Processo 307721/2017-5.

Marciel Antonio Alves da Silva é graduando em Fonoaudiologia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Investiga relações entre ortografia e fonologia na escrita infantil. É vinculado ao Grupo de Pesquisa “Estudos sobre a Linguagem”, credenciado pelo CNPq. É bolsista, em nível de iniciação científica, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Processo 2020/05606-8.